



Confluências Culturais

Revista Interdisciplinar

v. 15, n. 1: Arquitetura, museus e arquitetura de museus

Proposta de instalação de um museu inovador no Moinho Melatti, em Fagundes Varela (RS): preservação e reuso de uma edificação histórica

Proposal for the installation of an innovative museum at Moinho Melatti in Fagundes Varela (RS): preservation and reuse of a historic building

Propuesta de instalación de un museo innovador en el Molino Melatti, en Fagundes Varela (RS): preservación y reutilización de un edificio histórico

Margit Arnold Fensterseifer¹
Eliana Rela²

Recebido em: 31 ago. 2025
Aceito para publicação em: 1.º nov. 2025

Resumo: A edificação do Moinho Melatti, em Fagundes Varela (RS), está em desuso desde 2012, no entanto a família – em especial o proprietário, Egydio Melatti – zela pelo local diariamente, mantendo os ambientes e o maquinário em ótimo estado de conservação. O sítio histórico, composto por cinco edificações, é um lugar de memória e pode, em suas paredes, alojar documentos, objetos – como máquinas, móveis –, arte e artefatos, de modo a expor a história local, que conota economia e história regional e social a estudantes, moradores e visitantes. Diante disso, o objetivo deste estudo é apresentar soluções para a adequação desse espaço histórico a museu, utilizando os recursos já disponíveis na edificação, a fim de preservar e divulgar a história local. O espaço pós-transformado pode fomentar o turismo rural, com base nos autores Funari e Pinsky (2001), já que a localidade está fora da área urbana de Fagundes Varela. Quanto à metodologia, trata-se de um estudo de caso que inicialmente aborda o conceito de museu fundamentado em bibliografias específicas, como Santos (2000), que também descreve métodos de aplicação em museus, Choay (2001), Poulot (2009) e Nora (1993), autor este que trata sobretudo de lugares de memória. Com base na bibliografia de Riegl (2016) e Barranha (2016), são destacados os principais valores patrimoniais necessários para garantir a autenticidade e evidenciar a importância da exposição de objetos e de edificações históricas que preservam saberes técnicos de épocas passadas. Após, são apresentados os motivos para existirem museus físicos em detrimento dos itinerantes. A compreensão e a visitação de tais espaços são entendidas por meio do trânsito livre e universal. O estudo, em especial, dedica-se à acessibilidade e às indicações contidas na política de inclusão de Tojal (2015). Para a viabilidade das intervenções na edificação, descrevem-se algumas diretrizes das cartas patrimoniais, principalmente as direcionadas à salvaguarda de patrimônio industrial. Finaliza-se o trabalho com propostas de transformação e de viabilidades práticas para o novo uso, a sustentabilidade da atividade e a consequente conservação da edificação e do entorno para as novas gerações. O espaço é uma narrativa viva das atividades industriais do século passado.

Palavras-chave: museu; tecnologias; exposição; acessibilidade; valores; turismo rural.

¹ Doutora em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Caxias do Sul (UCS) e mestra em História pelo mesmo programa (UCS). Professora na UCS desde 2007 no Centro de Ciências Exatas, da Natureza e de Tecnologia no *campus* da cidade de Bento Gonçalves, onde ministra várias disciplinas. Graduada em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), atua em escritório autônomo desde 1985 na cidade de Bento Gonçalves, com projetos de restauro de edificações históricas desde o ano de 1990. Na UCS, desenvolve com os alunos iniciação à pesquisa científica ligada às demandas de campos de estágio regionais, auxiliando na solução de problemáticas práticas. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1588-725X?lang=en>.

² Doutora em Informática na Educação pela UFRGS, mestra em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS) e graduada em História pela UCS. Realizou doutorado sanduíche na Universidade de Pádova, onde pesquisou ao longo de 12 meses, sendo orientada pelo Prof. Dr. Galiani. É docente e pesquisadora na UCS no Programa de Pós-Graduação Profissional em História e no Programa de Pós-Graduação em Educação. No âmbito da cooperação internacional, é coordenadora local do projeto AmAs, projeto de pesquisa com a Scuola Universitaria Professionale della Svizzera Italiana (SUPSI), Suíça, subsidiado pela agência suíça Movetia. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9670-1634>.

Abstract: The Melatti Mill Building, in Fagundes Varela (RS), has been out of use since 2012. However, the family — especially the owner, Egydio Melatti — cares for the place daily, keeping the rooms and machinery in excellent condition. The historical site, composed of five buildings, is a place of memory and can house, within its walls, documents, objects — such as machines and furniture — art, and artifacts displaying the local history, which conveys economic, regional, and social history to students, residents, and visitors. Therefore, the objective of this study is to present solutions for adapting this historical space into a museum, using the resources already available in the building, in order to preserve and disseminate the local history. Once transformed, the space may foster rural tourism, based on authors such as Funari and Pinsky (2001), since the area is located outside the urban zone of Fagundes Varela. Regarding the methodology, this is a case study that initially addresses the concept of a museum through specific bibliographies, such as Santos (2000), who also describes methods of application in museums; in addition to Choay (2001), Poulot (2009), and Nora (1993), a key author on places of memory. Based on the works of Riegl (2016) and Barranha (2016), the main heritage values necessary to ensure authenticity and highlight the importance of the exhibition of objects and historical buildings that preserve technical knowledge from past eras are listed. Then, the reasons for the existence of physical museums rather than itinerant ones are presented. The understanding and visitation of these spaces are seen through free and universal access. The study, in particular, focuses on accessibility and the guidelines contained in Tojal's inclusion policy (2015). For the feasibility of interventions in the building, some guidelines from heritage charters are described, especially those related to the safeguarding of industrial heritage. Finally, the study concludes with proposals for transformation and practical feasibility for the new use and sustainability of the activity and the consequent conservation of the building and its surroundings for future generations. The space is a living narrative of the industrial activities of the last century.

Keywords: museum; technologies; exhibition; accessibility; values.

Resumen: La Edificación del Molino Melatti, en Fagundes Varela (RS), está en desuso desde 2012. Sin embargo, la familia —en especial el propietario, Egydio Melatti— cuida del lugar diariamente, manteniendo los ambientes y la maquinaria en excelente estado de conservación. El sitio histórico, compuesto por cinco edificaciones, es un lugar de memoria y puede albergar, en sus paredes, documentos, objetos — como máquinas y muebles—, arte y artefactos que exponen la historia local, la cual transmite historia económica, regional y social a estudiantes, habitantes y visitantes. Por lo tanto, el objetivo de este estudio es presentar soluciones para la adecuación de este espacio histórico en museo, utilizando los recursos ya disponibles en la edificación, con el fin de preservar y difundir la historia local. El espacio, una vez transformado, puede fomentar el turismo rural, con base en autores como Funari y Pinsky (2001), ya que el área se encuentra fuera de la zona urbana de Fagundes Varela. En cuanto a la metodología, se trata de un estudio de caso que inicialmente aborda el concepto de museo a partir de bibliografías específicas, como Santos (2000), quien también describe métodos de aplicación en museos; además de Choay (2001), Poulot (2009) y Nora (1993), autor destacado sobre los lugares de memoria. A partir de la bibliografía de Riegl (2016) y Barranha (2016), se enumeran los principales valores patrimoniales necesarios para garantizar la autenticidad y destacar la importancia de la exposición de objetos y edificaciones históricas que preservan saberes técnicos de épocas pasadas. Posteriormente, se presentan las razones de la existencia de museos

físicos en detrimento de los itinerantes. La comprensión y visita de estos espacios se entienden a través del libre y universal tránsito. El estudio, en particular, se dedica a la accesibilidad y a las indicaciones contenidas en la política de inclusión de Tojal (2015). Para la viabilidad de las intervenciones en la edificación, se describen algunas directrices de las cartas patrimoniales, especialmente las dirigidas a la salvaguarda del patrimonio industrial. Finalmente, se concluye con propuestas de transformación y viabilidades prácticas para el nuevo uso y la sostenibilidad de la actividad y la consecuente conservación de la edificación y su entorno para las nuevas generaciones. El espacio es una narrativa viva de las actividades industriales del siglo pasado.

Palabras clave: museo; tecnologías; exposición; accesibilidad; valores.

INTRODUÇÃO

A transformação dos patrimônios industriais que estão em desuso, como é o caso do Moinho Melatti, em Fagundes Varela, no Rio Grande do Sul (RS), é um desafio para os profissionais tanto da área de história como da área de arquitetura e urbanismo. Preservar patrimônios é uma forma de respeitar e valorizar a história local, bem como os antigos processos que ocorreram ali. Por isso, é importante conhecer e descrever a história ocorrida dentro e fora das paredes de um patrimônio material e imaterial, como é o caso do Moinho Melatti.

Diante disso, torna-se urgente realizar um levantamento técnico que possibilite a identificação de materialidades, saberes e modos de construir e resolver as sistemáticas de manufatura do moinho – nesse caso específico, de grãos, como milho, trigo e arroz. Vale salientar que o moinho integra um conjunto arquitetônico que precisa ser conservado como um sítio histórico.

A partir desse levantamento, parte-se para conhecer os passos para transformar o Moinho Melatti – um patrimônio industrial – em um museu inovador e interativo, preservando sua estrutura física e todas as máquinas de moagem em seu local original. Os passos sugeridos têm como objetivo geral: apresentar soluções para a adequação desse espaço histórico em museu, utilizando os recursos que já são disponibilizados na edificação.

Considerando isso, torna-se pertinente apresentar soluções a fim de criar um museu no espaço que antes abrigava um moinho. Para tanto, é preciso refletir sobre o significado do conceito de museu e sobre as formas de tornar esse local mais atrativo e acessível na atualidade. Faz-se necessário, ainda, indicar atividades de sustentabilidade que possibilitem investimentos de conservação a longo prazo.

Além disso, a estrutura e o acervo dos espaços museológicos também precisam ser avaliados. Por isso, torna-se vital reconhecer os valores patrimoniais que orientem a preservação, a autenticidade e a função social desses espaços. Quanto à metodologia avaliativa, esta deve empregar princípios de historicidade, relevâncias sociais, econômicas e políticas, bem como de raridades ou então representantes originais de uma época que precede a atual.

Por fim, expõem-se de modo sucinto a história do moinho e as atividades sugeridas para o novo uso, considerando com cautela todo o maquinário e documentos ali presentes.

CONCEITUAÇÕES

Para reconhecer a atividade museológica, é necessário conceituá-la, pois essa ação tem como objetivo esclarecer e delimitar os principais aspectos que regem tal uso. Assim, ao longo deste capítulo, serão apresentadas as definições de *museu* segundo autores que definem e sustentam de modo descritivo como deve ser um museu – entendido como um “lugar de memória” e de visitação frequente.

Parte-se do princípio de que os museus constituem espaços para expor documentos, objetos e narrativas que aguçam a curiosidade de estudantes e visitantes. Essa premissa depende de um trabalho interdisciplinar que envolve profissionais da área de história, museologia, restauradores, arqueólogos e arquitetos, além de toda a estrutura de serviços. Museus têm como missão dar ao visitante o entendimento da evolução da sociedade, documentando e ilustrando a dinâmica das ciências por meio dos objetos para, assim, possibilitar a compreensão do passado (Santos, 2000).

A conferência do Conselho Internacional de Museus (do inglês International Council of Museums – ICOM), ocorrida em Praga, em 2022, considera o *museu* um local que “não é itinerante e não possui fins lucrativos” (ICOM, 2025, não paginado). Isso não significa deixar de arrecadar, uma vez que os museus possuem custos de manutenção e de renovação constantes, além de precisarem estar disponíveis ao público interessado, permitindo acessibilidade e facilidades de comunicação. O estímulo a novas vivências permite novas reflexões, novos métodos de ensino e “partilha de conhecimentos” (ICOM, 2025, não paginado).

Choay (2001, p. 101) afirma que o espaço museológico foi concebido na França para proteger e resguardar documentos e objetos de interesse coletivo, sendo criado no estado revolucionário francês e denominado primeiramente de “depósito provisório”, para, mais recentemente, passar a “*museum*” ou “*museu*”. Os primeiros edifícios escolhidos para essa salvaguarda eram monumentos de arquitetura imponente que sempre permitiam acesso aos interessados.

Museus também são considerados “lugares de memória”, pois, de acordo com Nora (1993), são espaços referenciais que armazenam sentidos e significados e ligam o passado ao presente. Essa memória pode ser representada de forma material, por meio de simbologias, ou de modo funcional, permitindo reflexões aos transeuntes.

Para Poulot (2009, p. 109), o museu era “uma instituição-chave do empreendimento de regeneração; acima de tudo, ele encarnava uma súbita e espetacular publicidade das artes”. No entanto, como representante de uma coletividade, deve ser um espaço que evidencia tanto histórias positivas como negativas, evitando o esquecimento. Poulot (2009) ainda alega que o museu tem como missão dar ao visitante o entendimento da evolução da sociedade, documentando e ilustrando a dinâmica das ciências por meio dos objetos, a fim de que se possa compreender o passado.

Os museus como espaços de memória necessitam de profissionais capacitados para a seleção dos materiais mais representativos a serem expostos ao público ou arquivados para futuras pesquisas. O patrimônio de um espaço museológico, segundo Choay (2001), é um imenso tesouro do saber à disposição, uma memória viva que possibilita novas interpretações.

A nova História vem corroborar esse intuito, instigando o pesquisador a ressuscitar o passado sob novos olhares. Possui uma função educativa quando representa uma pessoa, uma época ou uma temporalidade. Para ser considerado um bem cultural não é preciso reconhecimento nacional, basta ser importante para uma coletividade. Para avaliar os patrimônios e sua importância no contexto dos museus, é necessário recorrer à análise de valores dos bens.

Os primeiros valores foram elaborados de forma metodológica por Riegl (2016) em 1903, com a obra *O culto moderno dos monumentos, sua essência e sua origem*. No final do século XIX, Riegl era historiador e curador de arte em têxteis e, posteriormente, em ornamentação no Museu Austríaco de Artes Decorativas. Como responsável, precisava determinar as características dos objetos e sua importância para a preservação.

A primeira classificação determinada por Riegl (2016) abrange os *valores de memória*, subdivididos em não intencionais e intencionais, de antiguidade e históricos. Por intencionais, entendem-se os produtos gerados pelo desejo de um criador, de modo subjetivo, relembrando um momento do passado. Os não intencionais – em que o autor inclui monumentos da antiguidade elaborados sem propósito imediato – são os que sobrevivem no tempo pela revelação de facetas da época em que foram desenvolvidos.

Os *valores de memória* compreendem o valor de antiguidade e o valor histórico, aos quais se somam os valores intencionais comemorativos, isto é, criados com a finalidade de monumento. Já o *valor de atualidade* se subdivide em valor de uso, valor de arte, valor de novidade e valor de arte relativa. O *valor de uso* é a capacidade que a edificação tem de ainda possibilitar sua ocupação funcional e se adequar aos tempos atuais. Dentro do *valor de uso* está o *de arte*, que é quando a obra material é criada e permanece com seu caráter artístico, símbolo de um tempo vivido. O *valor de novidade* é atribuído aos patrimônios que, em sua época, significaram vanguarda; e o *valor de arte relativa* é o que não foi arte em seu tempo, mas que na atualidade é reconhecido por suas características históricas, simbólicas e de interesse social (Riegl, 2016).

De modo atual, a arquiteta e urbanista portuguesa Helena Barranha (2016) amplia tais conceitos, trazendo os *valores de identidade* e os *valores de diversidade cultural* referentes ao significado, ao simbolismo do patrimônio arquitetônico. Isso também tem a ver com preservar a história, mantendo os ambientes e a volumetria, de maneira que o indivíduo consiga identificar no espaço físico as representações históricas.

Os objetos de significado também possuem valor, isto é, são pertencentes a uma comunidade existente ou passada. Além disso, precisam possuir autenticidade e integridade. Devem encontrar-se conservados e restaurados de modo conveniente, revelando seu valor patrimonial. Após essa seleção, documentos, objetos e demais acervos são organizados por temáticas e, então, são expostos.

No entanto para que haja êxito e salvaguarda dos patrimônios – em especial dos museus –, é necessária a visitação. A frequência dessa prática depende das iniciativas de turismo cultural, da modalidade que prioriza o aprendizado. Funari e Pinsky (2001) afirmam que esse é um segmento de viagens técnicas e de estudos, mas que também abrange interessados na história local e de patrimônios. A cultura, conforme os autores, é o que resulta das atividades humanas e que em um espaço geográfico se diferencia de outras geradas.

Para haver uma compreensão plena do espaço museológico, é preciso organizar as exposições, que podem ser apresentadas de várias formas. Por exemplo: em temáticas, por épocas, por estilos, por cores e texturas; por ordem, não necessariamente a cronológica, mas de modo a levar a reflexão com intenções preestabelecidas. Todavia todos esses modos precisam ser acompanhados de informações descritas (no caso do Brasil, em português, inglês, espanhol, dialeto talian³ e braile) ou em áudios e vídeos para que o visitante interaja de forma autônoma.

³ Talian refere-se ao idioma da imigração italiana no Brasil, resultante da mistura de dialetos dos povos vindos da Itália no final do século XIX e início do XX (Balthazar, s. d.).

MUSEU COMO ESPAÇO DE EXPOSIÇÃO E INTERAÇÃO

Os espaços destinados a visitação pública podem ser caracterizados em várias tipologias. Para que se utilize o termo *museu* – conforme designado, em 2022, pelo Instituto Brasileiro de Museus (Ibram) –, porém, é preciso possuir uma exposição permanente que caracterize sua temática (Ibram, 2025). É possível haver conjuntamente exposições de caráter provisório, temporárias, efêmeras, itinerantes e instalações de arte simbólicas (Santos, 2000). Outra característica atual é a flexibilidade de espaços que permitam modos diferenciados de expor os mesmos objetos de maneira a aguçar a curiosidade dos que assiduamente visitam o local.

As exposições estáticas fazem parte da maioria dos museus brasileiros, entretanto o emprego atual das tecnologias digitais por parte de estudantes e pesquisadores modificou os espaços de contemplação e interesse. A utilização de mídias e tecnologias nos museus é vista como desenvolvimento de uma sociedade orientada para o futuro, sem perder a autenticidade das obras de patrimônio cultural.

Nas pesquisas de *layout* por parte de arquitetos, museólogos e historiadores, são analisados os elementos fixos de exposição, como gavetas, armários e estantes, com estudos de iluminação, cores e acessórios. Junto a essa disposição, são pensados os espaços interativos que incluem exposições dinâmicas com várias ferramentas digitais.

A interatividade proporcionada por esses recursos incentiva a curiosidade nas exposições e programações relativas às narrativas do museu. Os avanços tecnológicos geram oportunidades ímpares, como o aprofundamento em temas, com uso de *QR codes*, telas interativas, testemunhos e entrevistas em forma de vídeos, efeitos em 3D de pessoas discursando. O movimento é um aliado dessa dinâmica de comunicação e, por consequência, da apreensão de conteúdos, preservando história, vivências, saberes e temáticas (Pantalony, 2017).

As possibilidades de interação trazem a todas as pessoas oportunidades de contato com a informação, por isso a importância de estudar a acessibilidade. Nos ambientes expositivos e interativos, o acesso universal é viabilizado por meio de áudios, imagens, linguagens em braile e libras, espaços de circulação sem escadas ou degraus e outros equipamentos que facilitem a utilização do local, como sanitários, elevadores, fones de ouvido, entre outros.

As políticas de inclusão são corroboradas pelas leis que norteiam a acessibilidade universal (Tojal, 2015). Por isso, é obrigatório que a acessibilidade parta dos princípios fundamentais dos museus, conforme descrito na Lei Federal n.º 11.904/2009, no artigo II, incisos I a V. A lei solicita a valorização da dignidade humana, a promoção da cidadania, o cumprimento da função social e a universalidade de acesso, o respeito e valorização à diversidade cultural (Brasil, 2025).

A acessibilidade pode ser compreendida como a eliminação de barreiras que dificultam os processos de comunicação e de ação educativa. De acordo com o Ibram (2025), essa necessidade está relacionada à diversidade das deficiências humanas, que podem apresentar comprometimentos leves, moderados ou graves, chegando, em determinados casos, à perda parcial ou total das capacidades físicas, intelectuais ou sensoriais. Para a habilitação do espaço físico, faz-se obrigatório o cumprimento de algumas normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), em especial a NBR 9050/2020, que tem como título “Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos” (ABNT, 2020). As orientações são ilustrativas e têm

cláusulas específicas para restauro de edificações, permitindo, por exemplo, rampas de acessibilidade com 12% de inclinação, enquanto em novas construções a inclinação máxima é de 8%.

A acessibilidade também pode ser expressa pela percepção dos cinco sentidos do ser humano. As exposições podem transmitir a história de maneira criativa, envolvendo os visitantes e estimulando-os a diversas sensações e experiências sensoriais, como, por exemplo, sentir calor ou frio, sentir diferentes texturas, escutar sons diversos, sentir aromas e degustar alimentos ou sabores ligados à história a ser narrada. O toque, que na maioria dos museus não é permitido, pode ser apresentado em forma de maquetes em relevo, texturas e formatos diversos e interações com instalações de arte. Ou seja, não é apenas a tecnologia que é capaz de atrair o público, mas o despertar de percepções inovadoras e que fixam os conteúdos de modo leve e, por vezes, lúdico (Queirós, 2009).

Por meio dessas reflexões, parte-se para o estudo de caso, que é a transformação de um espaço de patrimônio industrial inativo em museu interativo. Essa é uma temática que envolve o conceito de *patrimônio industrial* e a importância histórica desses complexos nos aglomerados urbanos e rurais. Segundo a Carta de Nizhny Tagil (TICCIH, 2003, não paginado): “O patrimônio industrial compreende os vestígios da cultura industrial que possuem valor histórico, tecnológico, social, arquitetônico ou científico”. Os elementos constituintes desse acervo englobam as edificações que compõem os complexos – como maquinaria, processos de manufatura e de geração de energia –, bem como documentações e relações sociais que ocorreram e que ainda permanecem na memória e identidade local.

Consoante Beatriz Kühl (2008, p. 39), o início da preservação dos “remanescentes da revolução industrial foi definido e elaborado em 1962, por um membro da inspetoria de Monumentos Antigos do Ministério de obras”. Nesse documento, estabelecia-se que o patrimônio industrial engloba qualquer conjunto, estrutura e edifício que exemplifique o surgimento e a extensão das tecnologias e processos industriais. Nesse contexto insere-se o Moinho Melatti, que, com processos inovadores para a época, manufaturava grãos de milho e trigo e descascava arroz.

INTERVENÇÕES NO MOINHO MELATTI

O Moinho Melatti está situado na zona rural, próximo ao perímetro urbano de Fagundes Varela (RS). O município localiza-se na Serra Gaúcha e faz divisa com Veranópolis, Nova Prata, Cotiporã e Guaporé (Fagundes Varela, 2025).

A iniciativa de transformar o Moinho Melatti em um museu foi da família de mesmo nome – composta por um casal e duas filhas –, pois suas atividades fabris encerraram em 2012 por inadequações de normas de higiene dos órgãos públicos responsáveis: para dar continuidade à produção, era necessário trocar, prioritariamente, os tubos de madeira que conduziam os grãos e a farinha de milho pronta até a embalagem.

A figura 1 é uma imagem externa do moinho, que se encontra às margens da RS-355, acessada pela BR-470, ao lado do Arroio Vicente Rosa, conhecido carinhosamente pela comunidade como Arroio Melatti.

Figura 1 – Fachada principal sul do Moinho Melatti: à direita consta a casa da família e à esquerda o Arroio Melatti



Fonte: Arquivo pessoal da autora (Fensterseifer, 2023)

Já a figura 2 revela a presença das máquinas e dos funis e canos de madeira originais que conduzem os grãos no interno do moinho.

Figura 2 – Máquinas de produção de farinha de trigo e mó de pedra envolta em madeira para moagem de milho



Fonte: Arquivo pessoal da autora (Fensterseifer, 2023)

O imigrante italiano Cristoforo Melatti foi quem construiu o moinho que serviu a toda a comunidade do entorno. Ele chegou ao Brasil aos 12 anos de idade, acompanhado pelos pais e pelo irmão. Junto com o filho Ernesto e os irmãos, Cristoforo trabalhou de modo a triplicar a moagem de grãos para a produção de farinhas. Após o falecimento de Cristoforo e de Ernesto, os filhos Egydio e Liduíno (atualmente falecido) continuaram as atividades até o ano de 2012. Egydio ainda vive e reside no local e é quem mostra todos os processos a diversos visitantes.

Como dito, o moinho é constituído por um conjunto de cinco edificações, a saber:

- a) Residência da família: o interior, todo em madeira, apresenta móveis diferenciados que foram desenvolvidos por Ernesto Melatti, como os elaborados para acomodar 12 pessoas para as refeições. A casa também tem fotos tradicionais de família e várias imagens de santos que ilustram a fé católica;
- b) Moinho em alvenaria, ligado à residência por meio de um alpendre coberto: possui máquinas no térreo e silos de armazenagem. No segundo andar estão grandes salões com depósitos e espaços para grãos. Junto a essa edificação em alvenaria, há uma construção toda em madeira onde se iniciou o moinho e que possui geração de energia feita por turbinas e um motor a diesel, além das primeiras máquinas de moagem, máquinas de descasque de arroz adquiridas por Cristoforo. Na parede final desse galpão de madeira, são encontrados silos que vão até o sótão. No térreo, pode-se ver uma pequena ferraria que auxiliava a consertar as ferraduras dos cavalos e as máquinas. No segundo andar, consta uma marcenaria para os consertos das partes de madeira do moinho;
- c) Garagem: foi construída em 1990 para abrigar o automóvel de Egydio Melatti;
- d) Estrebaria: abrigava as vacas leiteiras. A esposa de Cristoforo, Annunciata, produzia queijos com esse leite para a família;
- e) Fábrica de biscoitos: localizada atrás da edificação do moinho, a fábrica de biscoitos auxilia na renda atual da família – da irmã de Egydio e uma filha.

O quadro 1 apresenta as imagens das cinco edificações. Todas as fotos foram captadas durante esta pesquisa.

Quadro 1 – Edificações presentes no moinho



Continua...

Continuação do quadro 1

Interno moinho turbinas 	Interno moinho silos – sótão 
Moinho de madeira (1920) e garagem (1990) 	Estrebaria (1920) 
Fábrica de biscoitos (2014) 	Área de serviço, com água corrente permanente (1940) 

Fonte: Arquivo pessoal da autora (Fensterseifer, 2023)

A primeira e primordial intenção da exposição museológica desse espaço fabril é manter as máquinas em sua posição original na edificação, conservando, também, o sistema de geração de energia e os silos de armazenamento em seus respectivos pontos na linha de processo.

As máquinas estão todas nos locais originais desde o início das atividades, o que ocorreu por volta de 1920. Quase todas as máquinas e o sistema de energia por turbinas podem ser restaurados para funcionar nas visitas guiadas. Em segundo lugar, é importante instalar uma tela para as apresentações em som e vídeo, com depoimentos de Egydio Melatti, que contribuiria para perpetuar sua imagem ao longo da visita. Os audiovisuais seriam exibidos em várias telas, podendo incluir apresentações em 3D, metaversos e jogos digitais. Assim, o espaço pode tornar-se um museu interativo, possibilitando ao visitante (estudante, curioso e turista) conhecer os antigos processos de moagem de grãos.

A ideia é que esse processo contemple também a acessibilidade para deficientes visuais e auditivos, contando com a instalação de rampas e de plataformas elevatórias para as pessoas com mobilidade reduzida.

Quanto ao acervo, estaria disponível nos espaços físicos apropriados – protegidos com vidros ou acrílicos –, e incluiria antigas escrituras e documentos, assim como fotos, projetos e livros-caixa. A manipulação desses documentos somente deve ser autorizada para pesquisas, mediante solicitação prévia e argumentada, a fim de evitar a deterioração dos arquivos.

Já quanto à parte sensorial presente no museu, as texturas seriam percebidas nas diversas madeiras, nas farinhas, nas pedras da mó e da fundação e nas máquinas e turbinas em aço. Além dos aromas na mata do entorno, é possível sentir o frescor da água do arroio e o espaço bucólico quase intocável da natureza.

No entanto o espaço museológico, prioritário no local para a educação patrimonial e histórica, precisa ser sustentável e obter recursos para a sua manutenção, tanto no ambiente interno quanto no externo. Aliado ao museu, é possível ativar a mó para produzir farinha de milho em pequenas quantidades para venda local e, também, farinha de trigo especial.

A Secretaria da Saúde do Estado do Rio Grande do Sul tem permitido produções em pequena escala para fins culturais, para que os visitantes conheçam melhor os antigos processos. Essa moagem pode ser, portanto, realizada durante a visita. Além disso, é possível, já que existem espaços vazios (salões que serviam de apoio no moinho e até de residência em alguns períodos), projetar e construir um espaço alimentício, como um café com venda de produtos agroindustriais do município, incluídos os biscoitos da família Melatti – Egydio, a esposa Terezinha e a filha Icléia produzem biscoitos artesanais. Isso seria uma maneira de cultivar e incentivar a venda de produtos locais e caseiros.

Além do café, poderiam ocorrer oficinas culinárias, como de produção de biscoitos, pães e outros produtos relacionados aos grãos que eram manipulados no moinho – milho, trigo e arroz. Os cursos dessas oficinas podem também ser direcionados a estudantes do ensino fundamental e médio, assim como para adultos e estudantes das áreas de Gastronomia, Nutrição e Engenharia de Alimentos da região, e servir de estágio obrigatório ou horas complementares dos cursos. A possibilidade de os visitantes produzirem o próprio alimento contribuiria para tornar a experiência do paladar mais significativa. Essa opção insere o moinho no cotidiano local, valorizando os moradores do entorno, os quais podem usufruir do espaço museológico durante a semana.

Na parte externa, em especial na estrebaria, pode-se, durante os meses de verão, permitir o banho no Arroio Vicente Rosa. Além disso, é possível fazer trilhas com roteiros guiados pelas suas margens. Para Kühl (2008, p. 123), o “turismo ecológico, no Brasil, tem maior presença nos meios de comunicação do que o turismo cultural”; nesse caso, o uso dos espaços abertos pode aguçar o interesse instrutivo presente no moinho, possibilitando a contemplação da paisagem cultural.

O cuidado com a preservação do meio ambiente precisa ser constante, evitando danos na paisagem. Por isso, instalações apropriadas para banhistas e que não danifiquem o local poderiam ser instaladas como atrativo, já que o Arroio Vicente Rosa é utilizado para balneário desde a instalação das colônias.

O moinho já faz parte do roteiro turístico após ter sido inventariado em nível municipal (primeiro imóvel privado de Fagundes Varela a ser inventariado com decreto-lei municipal). A iminente restauração e a adequação das atividades listadas favorecem a preservação do imóvel centenário, proporcionando uma narrativa histórica viva dos processos de moagem de grãos iniciados pelos imigrantes italianos no estado.

Mas, para todas essas ações museológicas de intervenção e restauro, é preciso atentar às recomendações da Carta de Veneza, que, em síntese, diz ser necessário manter a autenticidade e distinguir os novos elementos a serem inseridos, de modo que sejam diferenciados e, ao mesmo tempo, harmônicos com o original, possibilitando a reversibilidade. Isto é, podem ser retirados os novos itens construtivos sem prejudicar a edificação histórica.

Conforme consta na Carta de Veneza de 1964 (Iphan, 1964, p. 4), em seu artigo 16:

Os trabalhos de conservação, de restauração e de escavação serão sempre acompanhados pela elaboração de uma documentação precisa sobre a forma de relatórios analíticos e críticos, ilustrados com desenhos e fotografias. Todas as fases dos trabalhos de desobstrução, consolidação, recomposição e integração, bem como os elementos técnicos e formais identificados ao longo dos trabalhos serão ali consignados. Essa documentação será depositada nos arquivos de um órgão público e posta à disposição dos pesquisadores; recomenda-se sua publicação.

Consoante esse viés, a Carta de Nizhny Tagil (TICCIH, 2003, não paginado) afirma a importância da identificação e do inventário, além da necessidade de medidas legais “suficientemente sólidas para assegurar a sua conservação”. Também indica que se devem colocar “em prática medidas legais, administrativas e financeiras para conservar a sua autenticidade”, incluindo o complexo na esfera cultural local.

Já quanto à valorização dos bens, a Carta de Sevilha indica diretrizes voltadas especialmente para a valoração da cultura e da memória coletiva dos bens industriais. Além disso, na pauta do documento consta “a falta de consenso estabelecendo indicadores corretos para a atribuição de valores para os bens patrimoniais” (Simal; Carlos, 2019, p. 16). A carta apresenta de modo minucioso um manual de boas práticas em relação às intervenções, indicando processos adequados para a preservação e salvaguarda do patrimônio industrial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A atividade museológica auxilia no entendimento da história, principalmente da local, e permite que as edificações – que também expressam, em suas paredes, narrativas de saberes, vidas e labutas diárias – sejam conservadas e estejam disponíveis aos interessados. O museu proporciona também dispor documentos que oportunizam novas pesquisas e, com isso, novos olhares sobre o material exposto.

Apesar da complexidade dessa modalidade que preserva as narrativas, os objetos e as máquinas industriais, é possível focar em uma utilização universal do espaço, na acessibilidade e também na sustentabilidade necessária por meio de atividades lucrativas.

No caso do Moinho Melatti, ele é um objeto de pertencimento à comunidade de Fagundes Varela. Quando o proprietário se dispôs a assinar os documentos de inventário, iniciou-se um processo de democratização do espaço físico, permitindo que a família abrisse as portas do local para o público, tornando o bem – tanto móvel como imóvel – acessível a todos.

O museu que se pretende instalar ali terá função social, pois contará parte da história de famílias de imigrantes italianos, poloneses, alemães e outros que se apropriaram do espaço e conseguiram sobreviver diante das dificuldades enfrentadas nas colônias. A instalação de equipamentos de apoio, como moinhos, frigoríficos e também serviços de ferrarias, marceneiros entre outros, era necessária para facilitar a vida difícil nos primeiros anos no Brasil.

O entorno da edificação também será preservado, pois emoldura o local com a paisagem típica das colônias gaúchas, adornado por cascatas entre rochas basálticas e alguns remanescentes de araucárias, árvore símbolo de sobrevivência pelo alimento – o pinhão – e pela madeira, que possibilitou as primeiras construções e que persiste às intempéries e aos xilófagos (insetos que atacam as madeiras). A salvaguarda da edificação e de seu entorno evidencia a valorização do patrimônio cultural e ambiental.

A pessoa humana, principal protagonista da ação museológica, deve ser respeitada por meio do acesso universal que os museus devem garantir. Diante disso, além da adaptação física dos acessos, alguns recursos como a escrita em braile e as tecnologias digitais – como áudios, vídeos, tradução em libras – possibilitam a comunicação das informações de forma lúdica, atrativa e acessível a todos.

Enfim, o museu não pode ser um espaço estático. Pelo contrário, precisa ser constantemente atualizado para que seja acessível a todos e desperte a curiosidade do público. E o Museu Melatti consideraria todos esses aspectos.

REFERÊNCIAS

ABNT – ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 9050**: Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos. 4. ed. Rio de Janeiro: ABNT, 2020. 147 p. Disponível em: https://drive.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/NBR9050_20.pdf. Acesso em: 10 ago. 2024.

BALTHAZAR, Luciana Lanhi. Língua Talian. **Curso de Letras Italiano**. Curitiba: Universidade Federal do Paraná – UFPR, s. d. Disponível em: http://www.letrasitaliano.ufpr.br/?page_id=137. Acesso em: 15 nov. 2025.

BARRANHA, Helena. **Patrimônio cultural**: conceitos e critérios fundamentais. Lisboa, 2016.

BRASIL. Ministério da Gestão e da Inovação em Serviços Públicos. **Acessibilidade digital**. Brasília, Disponível em: <https://www.gov.br/governodigital/pt-br/acessibilidade-e-usuario/acessibilidade-digital>. Acesso em: 15 nov. 2025.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo: Universidade Estadual Paulista – Campus Marília, 2001. 282 p.

FAGUNDES VARELA. Prefeitura Municipal. **Dados gerais**. Fagundes Varela, 2025. Disponível em: <https://www.fagundesvarela.rs.gov.br/pagina/dados-gerais>. Acesso em: 5 abr. 2025.

FUNARI, Pedro Paulo; PINSKY, Jaime. **Turismo e patrimônio cultural**. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2001. 320 p.

IBRAM – INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. **Museus**. Brasília. Disponível em: <https://www.gov.br/museus/pt-br>. Acesso em: 12 ago. 2025.

ICOM. **Nova definição de museu**. Disponível em: <https://www.icom.org.br/nova-definicao-de-museu-2/>. Acesso em: 16 nov. 2025.

IPHAN – INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. **Carta de Veneza**. Maio 1964. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Carta%20de%20Veneza%201964.pdf>. Acesso em: 2 maio 2024.

KÜHL, Beatriz Mugayar. **Preservação do patrimônio arquitetônico da industrialização**: problemas teóricos de restauro. Cotia: Ateliê Editorial, 2008. 325 p.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, v. 10, p. 7-28, 1993.

PANTALONY, Rina Elster. **Gestão da propriedade intelectual em museus**. Brasília: Ibram, 2017.

POULOT, Dominique. **Uma história do patrimônio no Ocidente**. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de. **Os cinco sentidos**. 3. ed. São Paulo: Global, 2009.

RIEGL, Alois. **O culto moderno dos monumentos e outros ensaios estéticos**. 2. ed. São Paulo: Almedina, 2016. Disponível em: <https://covers.vitalbook.com/vbid/9789724422466/width/480>. Acesso em: 16 ago. 2025.

SANTOS, Fausto Henrique dos. **Metodologia aplicada em museus**. São Paulo: Mackenzie, 2000.

SIMAL, Julián Sobrino; CARLOS, Marina Sanz (ed.). Carta de Sevilha para o Patrimônio Industrial 2018. **Arqueologia Industrial**, quinta série, v. 1, n. 1-2, 2019. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/sempias2023/files/2023/08/4.-Carta-de-Sevilha.pdf>. Acesso em: 9 ago. 2024.

TICCIH. **Carta de Nizhny Tagil sobre o Patrimônio Industrial**. São Paulo: TICCIH, 2003. Disponível em: <https://ticcih.org/wp-content/uploads/2013/04/NTagilPortuguese.pdf>. Acesso em: 27 abr. 2022.

TOJAL, Amanda. Política de acessibilidade comunicacional em museus: para quê e para quem? **Revista Museologia e Interdisciplinaridade**, Brasília: Universidade de Brasília, v. 4, n. 7, 2015.